OS CONGOS

João Nogueira

Quem já deu mais de sessenta voltas ao redor do Sol, encontra grande agrado e gosto em recordar o passado.

Relembrando successos antigos, dirigimo-nos aos velhos, porque estes nos entendem. **Latini latine loquor.**

Os moços, porque são moços, não encontram interesse algum em coisas mui caras aos velhos; entretanto, aquelles que conseguirem acompanhar por largo tempo esta grande borboleta que chamamos Terra, depois de muitas voltas irão, por sua vez, commentar com saudade e interesse factos minimos de hoje, ou costumes e usanças que o Tempo haja devorado.

Mello Moraes Filho, no seu primoroso livro sobre "Festas e Tradições Populares do Brasil", descreve com penna erudita e poetica os folguedos, descantes e ceremonias com que os nossos maiores celebravam os Nataes, a Semana Santa, os casamentos, o dia de Finados, etc.

Entre os folguedos do Natal, pinta com vivas côres o auto dos "Cucumbys" da Bahia, tambem chamados "Congos" nas outras provincias do Brasil; e resume, nestes termos, o entrecho do balleto dos "Cucumbys":

"Depois da refeição lauta do "cucumbe", comida de que usavão os "Congos" e "Munhambanas", nos dias da circumcisão de seus filhos, uma partida de "Congos" põe-se a caminho, indo levar á rainha os novos vassallos que havião passado por essa especie de baptismo selvagem.

"O prestito formado por principes e princezas, augures e feiticeiros, interpretes de dialectos extrangeiros e innumero povo levando entre alas festivas os "mame-

tos" circumcisados com lasca de taquara, é acomettido por tribu inimiga, cahindo flexado o filho do rei.

"Ao aproximar-se o cortejo, recebendo a noticia do embaixador, ordena o soberano que venha á sua presença um afamado adivinho, o feiticeiro mais celebre de seu reino, impondo-lhe a resurreição do principe morto.

"Ou darás a vida a meu filho, diz elle, e terás em recompensa um thesouro de missangas e a mais bella das mulheres; ou não darás, e te mandarei degolar.

"E aos sortilegios do feiticeiro o morto levanta-se, as danças findão, ultimando a funcção ruidosa retirada na qual os "Cucumbys" cantão o Bemdito e diversas quadras populares".

Quem assistiu e se recorda dos nossos antigos "Congos", verá quão differentes eram dos "Cucumbys" da Bahia e Rio .

O auto dos "Cucumbys" tinha uma sequencia; ao passo que o dos nossos "Congos" não tinha um seguimento razoavel, e certas cantarolas não vinham a proposito do que se fazia em **scena.**

Eram precisamente estes disparates, pontilhados de phrases idiotas, que faziam rir a bom rir as pessôas que assistiam a essas folganças, as quaes deslumbravam os meninos pelos vestuarios reluzentes dos personagens.

A côrte do nosso Rei de Congos era muito reduzida em comparação com a dos "Cucumbys".

Tinhamos o Rei, o Principe Sueno, o Embaixador, o Secretario, os "congos" (soldados e cantores) e os "conguinhos", meninos que reforçavam o côro dos "congos". Ao todo umas vinte ou trinta figuras.

O Rei trazia corôa rutilante, manto de belbutina escarlate, collete verde, calções azues, e calçava sapatos de entrada baixa .

A' cintura trazia uma espada.

O Principe trajava de modo identico, bem como Secretario, que usava um chapéo de abas largas ornado de conchas brilhantes.

O Embaixador se apresentava de capa e espada; e os "congos" vestiam uma especie de bolero e um saióte curto, armado ao modo do das bailarinas. Acompanhavam as cantorias com pequenos maracás; e um tambor as acompanhavam tambem, mas, ás vezes, com tal estrondo, que não deixava se perceber bem o que se cantava.

Os vestuarios eram recamados de vidrilhos, lentejoulas e espelhinhos, que brilhavam á luz vermelha dos archotes e dos candeeiros de azeite de carrapato (1).

Que deslumbramento para os meninos da pequena e moderada Fortaleza de outr'ora! De lembrança e por informações de pessôas do tempo reconstituimos, aproximadamente, os "Congos", como elles se apresentavam até 1880.

Pelos annos de 1850 a 60 ainda conservavam muitas palavras de linguas africanas, que misturavam com portuguez estropiado.

O Rei, assentado-se no throno, abria o auto dizendo com voz de araponga:

Rei—"Eh Gonguê!
Côro—"Eh Gonguá!"
Rei—"A lerê lerô lerê
Vamo lá, vamo lá tê
Alevanta mezi fi,
Qui ten munto qui dizê,
Vai fazê a ginitrinha
Ben féta e ben fazida,
Qui estes **necessitados**
Fique de bôca embambacato
E de ôio engrangarato".

E n'esta meia lingua continuava a representação, ao som de melopéas barbaras, de maracás e de zangás.

Mas já por 1880 a cantoria dos "Congos" havia perdido esse tom accentuadamente africano; já diziam suas prosas em algaravia em que predominava o portuguez e aproveitavam, para seus cantares, certas solfas que andavam no ar.

Desde o principio os "Congos" dançavam pelo Natal, sahindo pela primeira vez na "Noite de Festa" quando iam dançar em frente á igreja do Rosario, em honra á Virgem d'esta invocação; depois do que, iam representar a chamado, e mediante paga, em frente das casas das familias.

Em caminho para o Rosario cantavam:

Secretario—"Os pretinhos dos Congos
P'ra onde vão?"

Côro—"Nós vamo p'ro Rosaro
Festejá a Maria".
Sec.—"Oh festeja, oh festeja
Com muita alegria".
Côro—"Nós vamo p'ro Rosaro
Festejá a Maria".
Sec.—"E' de zambi a pumba
E' de bambê".
Côro—"Miserere, miserere
Misere rê".
Sec.—"Papaconha, papaconha
Peneruê".
Côro—"E' de zambi a ponga
E' qui bambê". (2)

Chegando ao logar da funcção, o Rei entrava e dirigia-se para o **throno**, que não passava de uma simples cadeira cedida pela familia.

Côro (em tom de marcha solemne).
"Arredar e arredar, deixar passar
Nosso reis, nosso reis D. Cariongo
Mais a sua, mais a sua divindade,
Toda ella, toda ella p'ra seu throno".

(O Rei se assentava).

Côro—(no mesmo tom).
"Nosso reis tá com vontade, oh Senhora,
D'i ao throno, d'i ao throno de Maria,
N'este instante, neste instante, nesta hora,
Hoje mesmo, hoje mesmo, neste dia".
Rei—"Oh meu secretaro da sala!"
Secr.—(se ajoelhando ante o Rei).
"Acudo ao vosso chamado.
Tudo prompto está
Com velas, pandeiro
Instrumento e maracá".
Sec.—"Titia, mamãe Chiquinha me deu
Pelo peixe frito qu'o gato comeu".

Côro—"Quero vê quem é de tirá
Pancadinhas qu'eu vou te dá".
Sec.—Anna Rita cochila,
Côro—Tá cochilando,
Sec. — E' de noite, é de dia,
Côro—Tá cochilando,
Sec.—Padre Nosso, Ave Maria.
Côro—Tá cochilando.
Sec.
"O ronco da bella aurora,
O passo méro cantou;
Qu'eu não sou dos mais vadio,
Que s'embarque n'um vapô". (3)

(O côro repetia)

Sec.
"Já fui cravo, já fui rosa.
Hoje sou mangericão,
Daquelle bem miudinho
Qu'as moça traze na mão" (4)

(O coro repetia)

Ouvia-se um rufar de tambores ao longe e o Rei mandava ver quem era, dizendo ao secretario:—Vai vê quem está batendo no portão.

Todos se afastando para o fundo da scena cantavam:

Secr.
"D'onde vem este fidargo?"
Coro
"Elle de longe, de longe vem".
Sec.
"Vem a pé ou a cavallo"?
Coro
"Elle de longe, de longe vem".
Sec.—"Sinhô, é um embaixadô qui vem dá uma imbaxada a D. Henrique Cariongo".
Rei—"Cuma é este home, meu fio?"
Sec.
"E' home de boa estratura:
Traz espada na mão

E lança na cintura"
Rei:
"Elle vem a pé ou a cavallo?
Sec.—Todos vem a pé; só elle vem a cavallo".
Rei—"E elle tem cavallo?
Sec.—"Isto lá não seio".
Rei—"Se é de paz, é de paz;
Se é de guerra, é de guerra...
Qui dento do meu reinado
E' sordado qui nem terra!"

Travava-se uma discussão acalorada entre o Embaixador e o Secretario. Ameaçavam-se mutuamente; puxavam das espadas e altercavam.

Emb.—"Rebelde secretaro!"
Sec.—"Rebelde imbaixadô!"

O Rei punha fim á contenda mandando entrar o Embaixador.

Côro (melodia em andamento de marcha).

"Entra e sobe, imbaxadô,
Vai fallá á magestade.
E se fizé quarquer tributo,
E's de sê assarsinado.

Entra e sobe, imbaxadô,
Entra e sobe e vai ao throno,
Vai levá tua imbaxada
A D. Henriques Cariongo".

Embaixador (mesma melodia).

"Senhor, eu não sou guerreiro
Nem da guerra tenho istrucção,
Sou inlustre cavalleiro,
Representante da Nação".

"Senhor, eu me chamo Leça,
Fio do Reis Catronguê.
Pelo nome não inóra,
Faz o gentio tremê".

O Embaixador não conseguia dizer a que vinha, porque o Rei o interrompia dizendo:

Rei—"Preso e morto imbaxadô,
Este cruéu assarsino,
Qui vem assarsinar meu reino,
Qui mandou Rainha Ginga". (5)

O Embaixador implorava a graça do Rei:

"Senhor, não me mate
Por piedade.
Sou fio de reis,
Tenho magestade,
Deixe-me i ao throno,
Dá a imbaxada".

O Rei perdoava e o Embaixador se afastava para voltar pouco depois, com sua tropa.

Secr. "A gallinha, quando come,
Pinica no chão"
Côro "Oh que chão, ou que chão!"
Secr. "No coléjo da Nação"
Côro "O coléjo léjo léjo
O coléjo da Nação".
Secr.
"Oia a minha toalha de renda
De bico
Côro Apanhando laranja no chão,
Tico tico".
Secr.—"Dastirá. Não quero mais, canaia
Dás tirá. Dentro do meu reinado".
Côro — "Dás tirá. Não quero mais mumbica
Dás tirá. Nem mumbica nem mumbaia (6)
Sec.—"Dás tirá. Péga no bangúlo (7)
Dás tirá. E' de cuzi caracanhá".
Côro:

"Inda honte sentei praça
E já hoje sou sargento.
Amanhã serei arfere
E despois serei tenente".

"Seu tenente bacharéu
Não nos venha combatê,
Qui mandou nosso monarcha
Pelejá inté vencê"

"Macha, macha, macha, povo,
Para o campo guerreá,
Qui mandou nosso monarcha
Pelejá inté ganhá".

Secr.—"Ludugero, meu fio, meu amô"
Côro—"Atirei uma peça e não matou".
Principe:
"Papae, eu vou pr'o campo,
Vou p'ro campo guerreá,
Morrê ou vencê, morrê ou vencê,
Até a bataia ganhá". (8)

(O côro repetia)

Sec.:
"Para papai eu bem te dizia
Que aguardente eu não bebia".

(O côro repetia)

Sec.—"Para papai eu bem te dizia,
Que roupa véia eu não vestia".

(O côro repetia)

Secr.:
"Para papai eu bem te dizia
Que não casava com tua fia".

(O côro repetia)

Secr.:
"Para papai eu bem te dizia
Que era musga de pancadaria".

Travava-se rija peleja entre as tropas do Rei e as do Embaixador.

Côro:

"Fôgo e mais fôgo, vamo combatê,
Que este imbaxadô nós é de vencê,
Fôgo e mais fôgo, vamo combatê,
Qui a espada mais fina é qui é de vencê.
Fôgo e mais fôgo, vamo guerreá,
Qui este imbaxadô nós é de ganhá".

A peleja era massante; durava longo tempo e os contendores se animavam, repetindo innumeras vezes: "Fôgo e mais fôgo, fôgo inté morrê".

Finda a lucta, o Principe exclamava: "De longe venho cansado, rompendo mattos e pinheiros brutos em vosso favor. Céos, o que vejo! Perdeu meu pai a bataia".

Côro:
"Quem te mandou i combatê?
Pois, anda, agora és de morrê;
E vai preso p'ras Truquia,
Vai morrê prisionêro.
Côro: (Em andamento de marcha)

"Ai prinspo, eu bem te dixe (9)
Ai qui tu não fostes na guerra;
Agora prinspo, agora prinspo ateimoso,
Oia a guerra, oia a guerra que t'espera".

(Em melodia dolente)
"As agua do mar azú...
E na praia embranqueceu.
A sereia não cantou,
Porque ella s'esqueceu".

Prisioneiro do Embaixador, o Principe lhe dirigia esta falla:

Principe.

Vinde cá imbaxadô
Vais comigo a meu thesouro
Dou-te prata e diamante,
Dou-te dois milhões de ouro.

Emb.
O sináu de meu Monarcha
Não se vende por dinheiro.
Tem de seguir p'ras Truquia
Vais morrê prisionêro.

O Principe despedia-se do Rei:

Vinde cá Senhor meu pai
Me faça este pedido
Me corôe com sua crôa
Quero seguir p'ras Truquia.

E cantava em tom lamentoso:

Adeus, adeus, adeus,
Adeus meu lindio pai, adeus.

O côro repetia e o Principe se despedia de cada um dos figurantes abraçando-os sempre a cantar: — Adeus, adeus.

Envolvido pelos soldados do Embaixador, o Principe Sueno cahia morto. E não tornava á vida porque o soberano não dispunha d'aquelle feiticeiro africano.

Estava terminada a festança, e quando elles se retiravam, iam cantando, entre outros versos:

Maracondê, maracondê,
Maracondê é de bumba ê.

Taes eram, mais ou menos, os "Congos" de outr'ora, dos quaes os meninos de então, hoje velhos, riem, mas com um riso ensombrado por uns longes de saudade.

Lamentando o esquecimento em que cahiram as festas d'aquelles tempos, em que se não fallava em "brasilidade", mas brasilidade havia e furiosa, Arthur Azevedo disse com muito sentimento e verdade:

Foram-se as festas d'outr'ora,
Acabaram-se os Nataes;
Ha outras festas agora:

"Aquellas" não voltam mais.
Faz muito bem quando chóra

(1) Por muitos annos foi Embaixador o preto Joaquim Xavier, que tinha perdido um braço no Paraguay. No seu papel fallava com autoridade formidavel. Fazia lembra o celebre "Roqueira", de quem ainda fallaremos.

Tambem por muito tempo fez de "prinspo" Sueno outro preto a quem chamavam "Putrião", por causa de um lobinho que tinha no nariz e que lhe dava, quando olhado de perfil, semelhança com esse passaro do Amazonas.

O bom preto se molestava com este appellido; e como em certa noite lh'o atirassem do meio do povo, armou-se um barulho enorme; houve "musga de pancadaria", em que trabalharam, de rijo, as espadas e facões dos "Congos".

A policia prohibiu então que elles continuassem a dançar com estas armas, permittindo-lhes somente que o fizessem com facões e espadas de pau.

Uma deshonra!

Xavier e "Putrião", que aliás não eram maus homens, taes empenhos moveram, que a autoridade policial revogou sua ordem.

(2) "Zambi". E' a voz que exprime entre os negros naturaes de Angola um ser superior, Deus, e tanto assim que, quando se lhes pergunta por coisas impossiveis ou mysteriosas, elles respondem: "Zambi que sabe". Valle Cabral, "Achegas ao estudo do folklore brazileiro".

(3) Ouvimos que esta quadra é da lavra de Alvaro Miranda, que, por travessura, a compoz, juntamente com outras, para os "Congos".

(4) Cantavam esta quadra com uma melodia do "Elixir de Amor", de Verdi.

(5) Anna Ginga. Rainha de Matambo. Mulher extraordinaria, de animo varonil, cujas façanhas enchem paginas de missionarios e de viajantes, que visitaram Angola.

Existe publicada em francez uma historia d'esta rainha. Filha de um regulo de Matambo, país confinante da possessão portugueto de Angola, quando ainda princeza fez-se amiga dos portuguezes; e, em uma audiencia que lhe concedeu o Governador da colonia. D. João Cor-

reia de Sousa, "com tanta destreza e habilidade se houve, que os do conselho da ordenança, Correia e outras pessoas, se assombraram de ouvirem a africana, a quem a natureza doára talentos que pareciam incompativeis com a sua educação naquelles sertões entre gente boçal e negligente".

Adoptou a fé christã e fez-se baptizar com o nome de Anna; mas, depois de coroada rainha, abjurou a nova crença e moveu tão dura e porfiada guerra aos portuguezes, que estes, para vencel-a, se houveram com os maiores trabalhos.

"Se esta mulher, diz um chronista, nascesse na Europa e fosse herdeira de um grande estado, seria talvez uma Christina ou uma Isabel.

"Se estas tinham orgulho e ciume da propria dignidade, Ginga não lhes cedia neste ponto".

Já no fim da vida, voltou ás boas com os portuguezes; tornou á fé christã e morreu aos 17 de Dezembro de 1663 com 82 annos de edade.

"Panorama". Vol. 4.—1840, pags. 278 e 298.

(6) "Mumbica" e "Mumbaia". Talvez fosse Moçambique e Mombaça o que elles queriam dizer.

(7) "Bangúla". Ave africana, segundo Aulete.

(8) Cantavam esta quadra com a melodia da "Mandolinata", suave Serenata Romana, hoje esquecida, de Paladille, 1870.

(9) Ouvimos que cantavam esta exprobação com um motivo da "Semiramis", de Rossini.